

O património industrial como energia criativa da cidade

Fumo Negro, Fumo Branco

Na cidade industrial sempre balançámos entre a repulsa das fábricas, do fumo negro, da poluição, do ruído, da periferia e a atracção dos seus mecanismos, do seu interesse económico e do seu valor enquanto “fábrica” social. É certo que este mundo nos foi apresentado, por vezes, de forma miserabilista, mas deixou marcas e criou alavancas que hoje se reflectem nos avanços sociais.

Hoje vimos este mundo à distância física, porque já não se envolve com os nossos dias. Foi todo arrumado nos polígonos e zonas industriais, e a maior distância das nossas vidas porque os nossos conhecidos já não trabalham aí, trabalham em qualquer outro serviço comercial ou terciário mais perto de nós.

A arrumação e especialização da cidade sectorizou o nosso olhar, deixando em separado mundos e coisas que na nossa vida não se separam, como os chamados Centros Históricos, as Zonas Industriais ou as Áreas Residenciais.

Outras alternativas existem que não segreguem o Centro Histórico para lugares embalsamados de beleza fria, nem as Zonas Industriais a lugares marginais sem vida, onde se esconde e arruma o feio poluente. Importa pois fixar a ideia de que a cidade actual deve ser a resposta plural, sem complexos, aos diversos problemas que se apresentam. Esta cidade “genérica”, onde não existe periferia, pode construir-se por diferença com a cidade “arrumada”, “especializada” e reservada para a representação “monumental”.

Fábrica de Gás da Matinha

A Fábrica de Gás da Matinha representa muito ainda da importância que teve para a cidade de Lisboa como fornecedora de vida.

Os anos 40 (séc. XX) – do regresso ao rio e à monumentalidade de Belém (exposição do Mundo Português) – associados ao singular período de planeamento da cidade (Duarte Pacheco/Etienne de Groer), projectaram a localização da nova indústria de produção de gás de água carburatada para um lugar mais especializado a oriente.

O gás natural e a Expo’98 acabariam por configurar o seu destino: o encerramento e a centralidade.

Este conjunto, do qual se destacam os “monumentais” gasómetros e o singular edifício da fábrica de gás de água carburatada, revela ainda uma possibilidade de leitura global do ciclo de fabrico, única em Lisboa, para além do seu valor escultórico de grande alcance na paisagem urbana da cidade. Este lugar apresenta-se assim com uma dualidade de valores inequívocos: a capacidade evocativa e de representação e a extraordinária disponibilidade de transfor-

mação profunda, podendo acolher programas complexos e de grande densidade.

Os índices de contaminação do subsolo implicam trabalhos de grande exigência técnica e financeira, sobretudo mantendo *in situ* o essencial das estruturas mais representativas e genuínas deste conjunto. Nada que não seja já conhecido de outras realizações, algumas delas com enorme sucesso, realizadas recentemente na Europa.

Quando os dias de Lisboa ficaram maiores

É verdade que já vinham ficando maiores, mas a Fábrica de Gás da Matinha contribuiu decididamente para uma nova vivência da cidade, significando hoje o único registo vivo da fábrica desses dias. Com o abastecimento de gás, as vidas domésticas e a vida pública da cidade ganharam vivências novas.

Nunca é demais recordar que há “emoções” e experiências culturais que só a cidade capital pode promover. Seria um exercício interessante, e talvez mobilizador e sinalizador para o país, concertar o valor de memória e de progresso deste lugar com a localização criteriosa de diver-




sas valências programáticas. Valências no campo da investigação científica, ambiente, energias alternativas, novas tecnologias da cidade como a infra-estruturação urbana, articulando sempre de uma forma equilibrada outros programas mais convencionais como a musealização e a habitação de rendas diversas.

Temos hoje um território e uma cidade bem diferente, cem por cento urbana, em que se impõe a "reciclagem" e não a urbanização. A cidade perdeu habitantes, terciarizou-se, afunilou-se como objecto de

consumo e fruição, perdeu portanto valor. A vida da cidade já não depende do gás que amplia os dias; a sociedade da informação amplia-nos os dias e as noites; as funções de dia e de noite começam a esbater-se; a velocidade na substituição/reciclagem de partes da cidade impõe-se; pelo que se impõe também saber guardar "tempos" diferentes da cidade, memórias, experiências (que não apenas os monumentos ou a redutora presença de uma qualquer peça de sinalização simbólica apropriada). Sem estes não existe continuidade, diferença e li-

berdade mas sim vulgaridade. É esta a energia dos nossos tempos e é com toda a cidade que se fabrica.

Tal como o gás e a electricidade – que em muito projectou a arquitectura e a cidade – a cultura, os sítios, o património, as artes, as ciências, apresentam-se hoje para as cidades, a par das novas tecnologias do conhecimento global, como as fábricas da sua grande energia criativa. 

MANUEL LAPÃO,
Arquitecto